

Estudos de ecologia humana entre os Suruí do Parque Indígena Aripuanã, Rondônia. Plantas de importância econômica (1)

Carlos E. A. Coimbra Jr. (2)

Resumo: Foram realizados estudos etnobotânicos entre o grupo indígena Suruí, de Rondônia, objetivando identificar as plantas de importância econômica para o grupo. Foram listadas 58 espécies, pertencentes a 25 famílias, entre plantas silvestres e cultivadas nas roças. São tecidas algumas comparações sobre o uso de determinadas espécies pelos Suruí com outros indígenas da Amazônia. O material herborizado está depositado no Museu Paraense Emílio Goeldi e Núcleo de Pesquisa em Saúde de Rondônia.

INTRODUÇÃO

A riqueza florística da Amazônia caracteriza-se pela diversidade de espécies e sua multiplicidade de utilização pelas populações regionais.

No que pese o profundo conhecimento dos indígenas com respeito ao uso e manejo de um grande número de espécies, verifica-se em nosso meio uma carência de levantamentos sistemáticos sobre as plantas de importância econômica para estas populações, sendo que a maioria dos trabalhos trata preferencialmente de plantas medicinais, tóxicas ou alucinógenas (Killip, 1931; Prance, 1970, 1978 e Shultes & Holmstedt, 1968). Outro aspecto a ser considerado, além do conhecimento sobre o em-

- (1) Trabalho realizado com auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e da Fundação Nacional do Índio.
- (2) Dept. Anthropol., Univ. Indiana, Bloomington. Bolsista do CNPq.

prego das plantas pelos indígenas, é o da necessidade de estudos de cunho taxonômico, pois como observa van den Berg (1982), as referidas plantas, geralmente apresentando diferentes nomes vulgares, podem corresponder a espécies totalmente diferentes, causando confusão e dificultando seu estudo.

A realização de estudos etnobiológicos permite não apenas o aprofundamento de nossos conhecimentos acerca dos recursos naturais da região, como também fornece subsídios necessários à formulação de uma política assistencial mais adequada, que de fato atenda as necessidades básicas destas populações. Por outro lado, alguns autores que realizaram estudos botânicos entre populações indígenas assumem posturas bastante etnocêntricas, tentando estabelecer relações entre "diversidade de raças indígenas" com a riqueza da flora ou, advertindo que "não devemos perder tempo em pôr nossa atenção nos conhecimentos dos nativos que estão a ponto de desaparecer para sempre" (Schultes, 1979). Essas abordagens não apenas distorcem a realidade em que se encontram essas populações, como também opõem-se aos pressupostos metodológicos da etnociência, onde a descrição, pelo pesquisador, do meio ambiente segundo a percepção da população em estudo é fundamental para que se determine a importância dos fatores de ordem ecológica ou sócio-cultural na tomada de decisões pelo indivíduo (Frake, 1962).

Não são muitos os estudos etnobotânicos realizados entre populações indígenas de Rondônia, podendo-se citar Roquette-Pinto (1935) e Lévi-Strauss (1948 a, 1948 b, 1950 e 1955), que registraram o uso de certas plantas entre grupos Nambiquara, Tupi-Kawahib e Pareci, que se distribuem pelo sudeste de Rondônia e noroeste de Mato Grosso. Neste trabalho são descritas as principais espécies vegetais de importância econômica para os Suruí e a utilização dada a tais espécies pelo grupo.

MATERIAL E MÉTODOS

O grupo indígena Suruí está localizado na Reserva do Posto Indígena Sete de Setembro, na área administrativa do Parque In-

dígena Aripuanã, Rondônia. A população é de 300 indivíduos aproximadamente, encontrando-se atualmente em aldeamentos de tamanho variado. Os cursos d'água mais importantes são o igarapé Sete de Setembro e Rio Branco, sendo este afluente do rio Roosevelt. O ecossistema predominante é o da mata de terra firme, não sendo verificadas áreas de campo ou savana.

A coleta e acondicionamento do material botânico deu-se de acordo com as técnicas correntes de herborização, sendo parte do material depositada no herbário do Museu Paraense Emílio Goeldi (MG), em Belém, e a outra depositada no Núcleo de Pesquisa em Saúde de Rondônia.

As pesquisas de campo foram realizadas nos períodos de dezembro/1979 a janeiro/1980; julho/1980; janeiro/1981; dezembro/1981 a janeiro/1982 e julho/1983.

Os vocábulos na língua Suruí aparecem no texto em negrito e para sua grafia são seguidas as regras propostas por Bontkes (1978), com algumas modificações.

RESULTADOS

O presente estudo revelou 58 espécies de importância econômica, pertencentes a 25 famílias. Além dessas, 23 plantas reconhecidas pelos Suruí não foram identificadas por tratar-se de material incompleto, faltando flores e/ou frutos.

Na lista que se segue, as espécies estão agrupadas por família, aparecendo em primeiro lugar o nome da planta na língua Suruí, seguindo-se sua designação em português e o nome científico.

PLANTAS SILVESTRES E CULTIVADAS

1. Família ANACARDIACEAE

- 1.1) **maxóhga**, taperebá, *Spondias lutea* L. - Árvore com frutos comestíveis.

- 1.2) **orixiá**, caju, *Anacardium giganteum* Hanc. ex Engler - Árvore com frutos comestíveis.
2. Família ANONACEAE
 - 2.1) **pipamáh**, *Duguetia* sp. - Árvore cuja madeira é usada para fazer cabos de machados.
3. Família ARACEAE
 - 3.1) **garinhã**, inhame, *Colocasia* sp. - Planta herbácea cultivada. Os tubérculos são utilizados como alimento.
4. Família BIGNONIACEAE
 - 4.1) **lapé**, pau d'arco, *Tabebuia* sp. - Árvore cuja casca é utilizada na construção das paredes laterais das habitações tradicionais.
5. Família BIXACEAE
 - 5.1) **nôh**, urucu, *Bixa orellana* L. - Árvore ramosa, pequena, plantada no peridomicílio, sendo também encontrada nas capoeiras próximas à aldeia. Com o arilo que reveste as sementes preparam uma tinta vermelha, espessa, com a qual tingem tecidos e redes e pintam a pele. A tinta é também utilizada como fármaco contra febres e piодermite (Coimbra Jr. et al., 1985). Com a madeira fabricam bastões ignígenos utilizados para acender fogo pelo método tradicional (descrito por Roquette-Pinto (1935)).
6. Família BURSERACEAE
 - 6.1) **abér**, breu-manga, *Tetragastris altissima* (Aubl.) Swartz. - Árvore com frutos comestíveis. A madeira é usada para acender fogo pelo método tradicional de fricção de dois bastões ignígenos. É também empregada na obtenção de vigas para a construção de malocas. As raspas da casca aplicadas sobre a pele são indicadas contra coceiras.
7. Família CARICACEAE
 - 7.1) **ihbôga**, jaracatiá ou mamão-bravo, *Jaracatia dodecaphylla* DC - Árvore com frutos comestíveis. Do tronco da árvore apodrecido, os Suruí obtêm larvas do coleóptero *Rhynchophorus palmarum*, muito apreciadas como alimento. As técnicas pa-

ra obtenção e preparo dessas larvas já foram descritas em trabalhos anteriores (Coimbra Jr., 1983, 1984).

8. Família CONVOLVULACEAE

- 8.1) **watinga**, batata-doce, *Ipomoea* sp. - Existem muitas variedades identificadas pela forma das raízes tuberosas, espessura da "película" externa, sabor, cor e tipo de folha, entre outros caracteres. O plantio se dá no início das primeiras chuvas, em geral no mês de setembro.

9. Família DIOSCOREACEAE

- 9.1) **soá**, cará, *Dioscorea* sp. - Como no gênero anterior, os Suruí identificam diversas variedades. O plantio do cará é feito juntamente com o da batata-doce.

10. Família EBENACEAE

- 10.1) **ihbakáp**, *Diospyros artanthifolia* Mart. - Árvore com frutos globosos, comestíveis.

11. Família EUPHORBIACEAE

- 11.1) **báhrá**, seringueira, *Hevea brasiliensis* M. Arg. - Árvore de uso desconhecido antes do contato com a sociedade nacional, atualmente passou a ser um importante produto de comercialização pelo grupo.
- 11.2) **mõy**, mandioca, *Manihot esculenta* Crantz - É a cultura agrícola mais importante, fazendo-se presente ao longo de todo o ano. O plantio é feito no início da estação chuvosa.

12. Família FLACOURTIACEAE

- 12.1) **behtí**, *Xylosma* sp. - Com a resina amarelo-hialina que exuda do tronco, os Suruí confeccionam um adorno labial, denominado **behtíga**, que embora esteja caindo em desuso como decorrência do acelerado processo de aculturação que se verifica no grupo, é ainda um elemento importante na identificação étnica. A **behtíga** é introduzida no lábio inferior, por dentro da boca, através de um orifício feito para

esse fim. A confecção da **behtíga** é de competência masculina. O indivíduo corta a casca da árvore em "V" (Fig. 1) e insere no vértice do corte um pedaço de taquara (**waab**) de aproximadamente 25-30 cm de comprimento para recolher a resina. Depois de seca a resina, o pedaço de taquara é quebrado cuidadosamente e após lixada, a **behtíga** está pronta para ser usada (Fig. 2). Esta atividade só é desenvolvida no verão (junho a agosto) pois a água da chuva não deve penetrar na taquara enquanto a resina não estiver completamente seca.

13) Família GRAMINEAE

- 13.1) **waab**, taquara, *Olyra caudata* Trin. - Os colmos ocios são usados durante o preparo dos adornos labiais denominados **behtíga** (vide 12.1). Servem também para a confecção de flautas.
- 13.2) **yjap**, taquara, *Guadua* sp. - Usada para fazer a haste das flechas.
- 13.3) **makôrap**, taquara ou taboca, *Guadua* sp. - Empregada para fazer grandes flautas que são tocadas por ocasião de determinadas festas.
- 13.4) **meeg**, milho, *Zea mays* L. - Foram identificadas duas variedades de milho cultivadas pelos Suruí. Uma delas apresenta espigas grandes (atingindo 35 cm de comprimento), grãos amarelos (variando de amarelo quase branco e amarelo-ouro), doces e macios. A outra possui espigas menores (15 cm) e grãos brancos ou vermelhos-grená, sendo usada unicamente para fazer pipocas. O milho é plantado entre setembro e outubro. A colheita do milho-verde inicia-se em dezembro/janeiro, terminando no máximo em fevereiro, quando então as espigas de milho maduro são deixadas na própria roça e colhidas aos poucos.

14) Família GUTTIFERAE

- 14.1) **borokáa**, bacuri, *Rheedia macrophylla* (Mart.) Pl et Tr. - Frutos comestíveis.
- 14.2) **burkápapí**, uanani, *Symphonia globulifera* L. Com a resi-

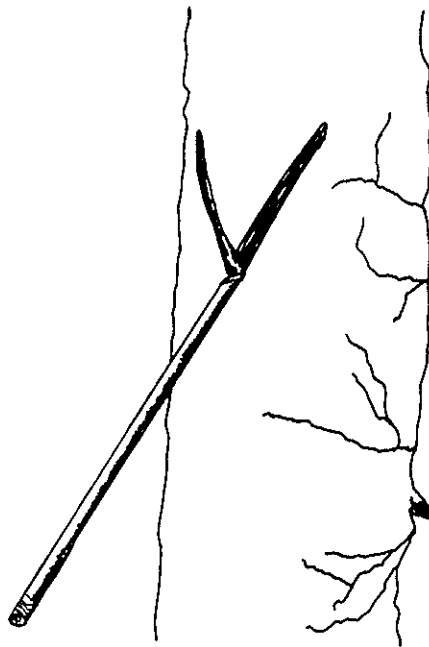
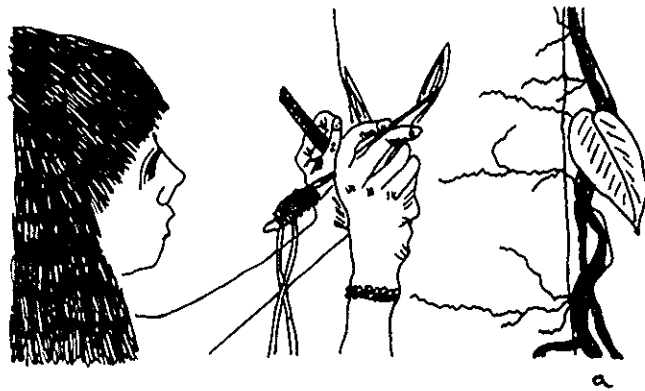


Fig. 1 - Corte da árvore para obtenção da resina de *Kylosma* sp. (a); posição da taquara inserida no corte para recolher a resina (b).



Fig. 2 - Mulher Suruí usando adorno labial (*behtiha*) feito de resina de *Xylocopa sp.*

na que obtêm dessa espécie, os Suruí impermeabilizam as cordas usadas nos arcos e fios de algodão. Pode ser usada também na iluminação de habitações à noite, pois queima produzindo pouca fumaça e não exala odor. Anteriormente ao contato com a sociedade nacional, essa resina era utilizada para fixar machados de pedra em cabos de madeira. Para obterem a resina, denominada **burka**, procuram uma árvore que possua em algum de seus galhos um cupinzeiro. Sobem então na árvore ou a derrubam para obterem a resina que se acumula sob este. Os cupins, pertencentes ao gênero *Microcerotermes*, destroem parcialmente a casca da árvore, permitindo assim a saída da resina, inicialmente amarela e que em contato com o ar, **oxida-se, tornando-se negra e endurecida.** Após obterem os pedaços da resina na floresta, voltam à aldeia e preparam uma pequena fogueira onde jogam algumas castanhas-do-pará com casca para queimarem. Junto ao fogo colocam uma pedra lisa e bem limpa, deitando sobre sua superfície os pedaços de resina para amolecerem com o calor. **Após queimadas as castanhas, retiram-lhe as cascas e esfregam o óleo da castanha nas mãos e na pedra quente.** Pegam então o pedaço da resina já amolecida e esfregam-na entre os dedos para que o óleo da castanha penetre. Ao mesmo tempo vão colocando os pedaços da resina sobre a pedra quente até que atinja a consistência necessária. Concluída essa etapa, dão-lhe forma de bastão e envolvem-na em um saquinho feito de folíolos de babaçu.

15. Família LECYTHIDACEAE

- 15.1) **mağahb**, castanha-do-pará, *Bertholetia excelsa* H.B.K. - As amêndoas são usadas como alimento. O óleo de castanha serve para lustrar os arcos e outros objetos de madeira escura. O mesmo óleo é também utilizado para preparar a **resina de burkápapí** (vide item 14.2). Em determinadas épocas, encontra-se sobre o tronco das castanheiras um grande número de larvas de um lepidóptero, da família Noctuidae, também muito apreciadas como alimento. Com o

tronco, fazem grandes pilões usados no preparo de bebidas fermentadas.

- 15.2) **wabebáp**, tauari, *Cariniana* sp. - A entrecasca é facilmente extraída e as fibras utilizadas para amarração de vigas, cestos, etc.

16. Família LEGUMINOSAE

- 16.1) **mandéa**, jatobá, *Hymenaea courbaril* L. - Árvore grande; frutos comestíveis. A resina, denominada **mandesí**, é usada para iluminação de interiores. Dizem que antigamente faziam canoas com casca do jatobá.
- 16.2) **moridiá**, ingá, *Inga edulis* Benth. - Fruto comestível. Cresce nas capoeiras e para colherem os frutos podem eventualmente derrubá-las.
- 16.3) **moridikabedá**, ingá, *Inga nobilis* Willd. - Frutos comestíveis.
- 16.4) **moridikabedá**, ingá, *Inga cinnamomea* Spruce. - Frutos comestíveis.
- 16.5) **olakabapojo**, ingá, *Inga alba* (S.w.) Willd. - Frutos comestíveis.
- 16.6) **dág-dág**, *Bauhinia longicuspis* Spx. ex Benth. - A entrecasca é utilizada na confecção de cordas finas.
- 16.7) **lapereikáp**, mulungu, *Erythrina* sp. - As sementes bicolors (preto e vermelho) são usadas para fazer colares.
- 16.8) **makáhb**, amendoim, *Arachis nambyquarae* Hoehne. - Trata-se de uma variedade que apresenta frutos bem maiores que o *A. hypogaea*, com frutos atingindo até 70 mm de comprimento, com sementes também grandes, muito doces e de coloração variando de sépia a uma tonalidade rosada quase branca. O plantio é feito entre setembro e outubro, sendo a colheita realizada a partir de abril.

17. Família MALVACEAE

- 17.1) **gób**, algodão, *Gossypium barbadense* L. - Trata-se da única planta têxtil cultivada pelos Suruí. As fibras são fiadas em fusos feitos de madeira de pupunha e tortual de argila. Os novelos são guardados em cestos pendendo do teto da maloca. Os fios, de diversas espessuras, podem ser usa-

dos para tecer redes, cinturões, colares, cintas para carregar crianças, etc.

18. Família MONIMIACEAE

- 18.1) **gereñom**, *capitiú*, *Siparuna guianensis* Aubl.- Os Suruí esmagam as folhas na boca e esfregam-nas no corpo esperando ter sorte quando irão caçar tatu. As folhas e frutas exalam um cheiro forte e agradável.

19. Família MORACEAE

- 19.1) **lokobéa**, *Perebea mollis* (Poepp. et Endl.) Huber - Frutos comestíveis. Algumas vezes chegam a derrubar a árvore para colherem os frutos em maior quantidade e levarem-nos para a aldeia.
- 19.2) **ínkôr**, imbaúba, *Cecropia palmata* Willd. - A entrecasca é utilizada na fabricação de cordas. Para isso obtêm a entrecasca e retiram a casca externa deixando apenas as **finas fibras brancas**. Lavam-nas no rio ao mesmo tempo que batem-nas em uma pedra para que as fibras fiquem separadas umas das outras. Ajuntam então as fibras em feixes e torcem-nas sobre a coxa para formar a corda. Quando querem cordas mais grossas, colocam mais tiras no momento em que estão torcendo as fibras sobre a coxa. Depois de prontas, as cordas são deixadas ao sol para secarem ou colocadas no interior da maloca, próximas ao fogo. O emprego dado a essas cordas é o mais diverso, sendo usadas nos arcos, para amarrar redes, etc.
- 19.3) **jíkib**, caucho, *Castilla ulei* Warb. - Extraem látex para comercialização. Nos meses de verão, aparecem no tronco de algumas árvores numerosas larvas de um lepidóptero (Heterocera) que servem de alimento.

20. Família MUSACEAE

- 20.1) **impap**, *Heliconia psittacorum* L.F. - As folhas são usadas para embrulhar animais mortos durante caçadas a serem levados para a aldeia.
- 20.2) **mokôhbá**, banana, *Musa paradisiaca* L. - A variedade de

banana que me foi indicada pelos Suruí como sendo cultivada anteriormente ao estabelecimento de contatos permanentes com a sociedade nacional é a "São Tomé", com casca arroxeadada, polpa amarela e aroma peculiar. Atualmente, outras variedades foram introduzidas por funcionários da FUNAI.

21. Família PALMAE

- 21.1) **wapéa**, mumbaca, *Astrocaryum mumbaca* Mart. - Frutos comestíveis.
- 21.2) **orokobé**, murumuru, *Astrocaryum murumuru* Mart. - Frutos e palmito comestíveis.
- 21.3) **mayor**, tucumã, *Astrocaryum tucuma* Mart. - Frutos comestíveis. Com o caroço confeccionam miçangas utilizadas em colares, pulseiras e outros adereços. As folhas fornecem fibras que são utilizadas no fabrico de cestos. O palmito é comestível e com ele fazem um caldo adocicado muito apreciado. Para isso, procuram um pé de tucumã cujo palmito não esteja a mais de 2 metros do chão. Retiram as bainhas das folhas com auxílio de um facão ou machado, tomando sempre muito cuidado com os acúleos que revestem o estipe e as folhas da palmeira. Exposto o palmito, golpeiam-no com um pedaço de pau previamente descascado e limpo até que o palmito adquira um aspecto lembrando um emaranhado de fibras brancas. Feito isso, preparam um "copo" com as folhas de *Calathea* sp. (Marantaceae) ou *Heliconia* sp. (Musaceae), no qual torcem as fibras do palmito de modo a obterem o suco, que é logo consumido.
- 21.4) **wasam**, inajá, *Maximiliana maripa* (Correa da Serra) Drude - Frutos e palmito comestíveis. As folhas são usadas na cobertura de casas.
- 21.5) **nitim**, marajá, *Bactris* sp. - frutos comestíveis.
- 21.6) **yoargap**, marajá, *Bactris* sp. - frutos comestíveis.
- 21.7) **ikarkap**, marajá, *Bactris* sp. - Frutos comestíveis.
- 21.8) **yobáia**, buriti, *Mauritia flexuosa* L.F. - Frutos comestíveis. Das folhas obtêm fibras para a confecção de adornos céfalicos usados em algumas festas.

- 21.9) **yoi**, patauá, *Jessenia bataua* (Mart.) Burr. - Frutos comestíveis. A palmeira é derrubada propositadamente para que no estipe apodrecido cresçam as larvas do coleóptero *Rhyna barbirostris*, muito apreciadas como alimento (Coimbra Jr., 1983, 1984).
- 21.10) **bíhba**, açai, *Euterpe oleracea* Mart. - As folhas são usadas na cobertura das habitações. Curiosamente, os Suruí não comem palmito ou preparam o suco com os frutos do açai, ambos tão apreciados por outros grupos indígenas.
- 21.11) **pãra**, paxiúba-de-perna, *Socratea exorrhiza* (Mart.) H. Wendel. - As raízes adventícias, dotadas de numerosos espinhos curtos e grossos, são usadas como ralador para milho e mandioca, destinado ao preparo de certos alimentos.
- 21.12) **wasamapãra**, paxiúba-barriguda, *Iriartea ventricosa*, Mart. - Palmito comestível.
- 21.13) **yobára**, pupunha, *Guilielma gasipaes* (H.B.K.) Bailey - Os frutos cozidos são muito apreciados como alimento. A madeira é usada na confecção de arcos e pontas de flechas. O palmito é comestível. A pupunheira cultivada é rara nas aldeias Suruí, encontrando-se em alguns locais da floresta crescendo em touceiras situadas em terrenos onde possivelmente localizaram-se antigas roças ou aldeias.
- 21.14) **pasápa**, babaçu, *Orbignya martiana* B. Rodr. - As folhas são utilizadas na cobertura das habitações. Os frutos e o palmito são usados como alimento. No interior dos frutos, comendo as sementes, crescem as larvas dos coleópteros conhecidos pelos Suruí como **kadeg** e pertencentes aos gêneros *Fachymerus* e *Caryobruchus*, que são muito apreciados como alimento. No estipe da palmeira, quando podre, ou mesmo no palmito, podem crescer larvas de *Rhychophorus palmarum*, também empregadas na alimentação (Coimbra Jr., 1983, 1984). Os folíolos novos são ainda utilizados para a confecção de grandes cestos que, presos à cabeça, trazem para a aldeia produtos da roça, lenha, caça, etc.

22. Família SAPOTACEAE

- 22.1) **membetía**, pariri ou frutão, *Pouteria pariry* (Ducke) Bachi-
ni - Árvore com frutos comestíveis.
- 22.2) **pekohkába**, *Franchetella* sp. Árvore com frutos comestíveis.
- 22.3) **sobagueialôht**, *Lucuma* sp. - É "árvore de espera", pois os
frutos são procurados por certos animais de caça.

23. Família SOLANACEAE

- 23.1) **mayxohkáp**, fumo, *Nicotiniana tabacum* L. - É o único nar-
cótico observado entre os Suruí. As folhas ainda verdes
são trazidas da roça para o interior das malocas, onde são
penduradas, em geral próximas ao fogo para secarem. Para
fumar, as folhas secas são trituradas entre os dedos e o pó
ajuntado em pedaços retangulares de palha de milho se-
ca. Estes são então enrolados e selados com a saliva. Sen-
do largamente consumidos pelos homens, os cigarros po-
dem ser usados como hábito prazeroso ou durante ritos de
pajelança. Atualmente preferem os cigarros industrializa-
dos; contudo, durante os rituais, sempre usam cigarros
tradicionais.

24. Família STERCULIACEAE

- 24.1) **akôptia**, cacau, *Theobroma cacao* L. - Arilo das sementes
comestível.
- 24.2) **akôhba**, cacauí, *Theobroma speciosum* Willd. - Frutos
comestíveis.

25. Família ZINGIBERACEAE

- 25.1) **mamug-á**, *Costus* sp. - A mulher que não consegue engra-
vidar deve colocar um ramo com a inflorescência dentro
da rede e dormir junto com ele. Poucos dias depois estará
gestante.

DISCUSSÃO

Dentre as espécies silvestres de importância econômica para os Suruí, destacam-se as palmeiras, não só pelo maior número de gêneros e espécies identificados, como também pela sua larga utilização pelo grupo. Mesmo assim, o uso de palmeiras pelos Suruí parece ser bem menor do que o observado por outros autores como Anderson (1977) entre os Yanomami do norte do Estado do Amazonas, e Shultes (1974), entre vários grupos indígenas do noroeste da Amazônia. O último autor enfatiza a importância das palmeiras entre os indígenas daquela região, ressaltando inclusive seu papel simbólico em mitos e rituais religiosos.

Entre os Yanomami, Anderson (1977) registrou 17 espécies de palmeiras cujos frutos são usados na alimentação e 14 que fornecem palmitos comestíveis, enquanto que entre os Suruí, foram identificadas 11 espécies fornecedoras de frutos comestíveis e 6 de palmitos. Por sua vez, é descrita pela primeira vez a utilização de palmito de *A. tucuma* para o preparo de bebida como descrito no item 16.3. Anderson (*opus cit.*) verificou o uso de folhas de *Geonoma aculifera* e *G. deversa* na cobertura das habitações. Entre os Suruí, foi observado para este fim, o uso das folhas de *Orbignya martiana*, *Maximiliana maripa* e *Euterpe oleraceae*.

Na família Leguminosae verificou-se uma maior utilização de espécies do gênero *Inga*, todas como alimento. Contudo, apenas *I. edulis*, que cresce espontaneamente nas capoeiras próximas à aldeia, assume maior importância, sendo os frutos trazidos à aldeia em grandes cestos. As demais espécies do gênero são consumidas esporadicamente, quando os frutos são encontrados na floresta. Ainda nessa família, outra espécie que merece destaque é o jatobá (*Hymenaea courbaril*). Lévi-Strauss (1950) registrou para alguns grupos indígenas no vale do rio Guaporé o uso da resina de *H. courbaril* na confecção de adornos labiais, semelhantes aos que são utilizados pelos Suruí e outros grupos

Tupi da região, como os Zoró e Cinta-Larga. Contudo, os Suruí utilizam para este fim a resina de *Xylosma* sp., uma Flacourtiaceae.

Foram identificadas três espécies produtoras de fibras utilizadas para amarração de vigas na construção de malocas ou em cordoaria em geral: *Cecropia palmata* (Moraceae); *Cariniana* sp. (Lecythydaceae) e *Bauhinia longicuspis* (Leguminosae). Destas, a espécie que fornece fibras para a confecção de cordas propriamente dita é *C. palmata*. Frikel (1968) registrou utilização semelhante para essa espécie pelos Xikrin, do sul do Estado do Pará. As outras espécies fornecem fibras menos duráveis, sendo utilizadas na amarração de objetos mais rudimentares (vigas e esteios de construção) ou de menor durabilidade, como cestos e flautas.

Entre os Suruí, a obtenção de fogo pelo método de fricção de dois bastões ignígenos de madeira era feita com *Bixa orellana* ou *Tetragastris altissima*. Para este fim, registrou Roquette-Pinto (1935) entre o grupo indígena Nambikwara o uso de bastões de almécega (*Hedwigia balsamifera* e *Protium* spp., ambas da família Burseraceae), enquanto que Prance (1972) verificou entre o grupo Waiká do Território de Roraima o uso de bastões feitos de *Croton pullei* (Euphorbiaceae). Atualmente, os Suruí dão preferência aos fósforos ou isqueiros a gás para fazer fogo.

Para obtenção de resinas utilizam três espécies: *Xylosma* sp., *Hymenaea courbaril* (ambas já comentadas em parágrafo anterior) e *Symphonia globulifera* (Gutiferae). A técnica para obtenção da resina de *S. globulifera* merece ser destacada, pois exige um profundo conhecimento acerca do comportamento de cupins do gênero *Myrcocerotermes*, uma vez que a ação destes insetos sobre o tronco da árvore permite a exudação da resina que se deposita sob o cupinzeiro. Apesar da utilização da resina de *S. globulifera* por populações indígenas já se encontrar registrada na literatura (Lévi-Strauss, 1950), não se faz menção sobre o papel de cupins durante sua obtenção.

Além das espécies descritas acima, foram identificadas outras oito espécies que vêm sendo de certa maneira cultivadas, tendo sido introduzidas, mas recentemente, em sua maioria, por funcionários da FUNAI. São elas: 1) abacate (*Persea americana* Mill.); 2) limão e tangerina (*Citrus* spp.); 3) goiaba (*Psidium guajava* L.); 4) manga (*Mangifera indica* L.); 5) carambola (*Averrhoa carambola* L.); 6) arroz (*Oryza sativa* L.); 7) mamão (*Carica papaya* L.) e 8) café (*Coffea arabica* L.).

Em geral, essas espécies não recebem muita atenção dos Suruí, que muitas vezes deixam que sejam totalmente encobertas por vegetação secundária. Em relação ao arroz, há muito estímulo por parte do Posto da FUNAI para que os indígenas o cultivem, existindo inclusive um trator para facilitar os trabalhos de limpeza da área a ser plantada. O café foi inicialmente plantado por colonos que invadiram a Reserva. Com sua expulsão, há cerca de três anos, ficaram extensos cafezais que começaram a ser cuidados pelos índios. Porém, uma significativa parte das plantações se perdeu devido ao trato inadequado que os Suruí dispensaram a esta cultura.

AGRADECIMENTOS

Aos Suruí, pela hospitalidade e paciência ao fornecerem as informações. Ao prof. José Elias de Paula, do Dept.^o de Biologia Vegetal da Universidade de Brasília, pelas sugestões e revisão dos originais; aos botânicos do Museu Paraense Emílio Goeldi, Drs. João Murça Pires e Pedro L.B. Lisbôa, pela identificação do material.

ABSTRACT

Ethnobotanical studies were carried out among the Suruí Indians from the State of Rondônia, Brazil, in order to identify plants of economical importance for the group. Fifty eight species were listed, included in twenty five families, among wild and cultivated plants. The author makes comparisons about the use of some

plants by the Suruí with other Indian groups of Amazonia. The botanical material is deposited at Museu Paraense Emílio Goeldi and Núcleo de Pesquisa em Saúde de Rondônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, A.B.

1977 - Os nomes e usos de palmeiras entre uma tribo de índios Yanomama. *Acta Amazon.*, Manaus, 7(1):5-13.

BERG, M.E. van den

1982 - *Plantas medicinais da Amazônia - Contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém, CNPq/PTU. 223p., il.

BONTKES, W.

1978 - *Dicionário preliminar Suruí/Português - Português/Suruí*. Porto Velho, Summer Institute of Linguistics.

COIMBRA JR. C.E.A.

1983 - O uso de larvas de coleópteros na alimentação do grupo indígena Suruí, Parque Indígena Aripuanã, Rondônia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 10. Belo Horizonte. *Resumos*: p. 167-169.

1984 - Estudos de ecologia humana entre os Suruí do Parque Indígena Aripuanã, Rondônia. O uso de larvas de coleópteros (Bruchidae e Curculionidae) na alimentação. *Rev. Bras. Zool.*, S. Paulo, 2(2): 35-47.

COIMBRA JR., C.E.A.; VENTURA SANTOS, R.; RANUS, R.

1985 - Estudos epidemiológicos entre grupos indígenas de Rondônia. I. Piodermite e portadores inaparentes de *Staphylococcus* sp. na boca e nariz entre os Suruí e Karitiana. *Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo*, São Paulo, 27(1) (no prelo).

FRAKE, C.O.

1962 - Cultural ecology and ethnography. *Am. Anthropol.*, Lancaster, 64(1): 53-59.

HULTES, R.E.

1974 - Palms and religions on the Northwest Amazon. *Principes*, Miami, 18:3-21.

1979 - Índícios da riqueza etnofarmacológica do noroeste da Amazônia. *Acta Amazon.*, Manaus, 9:209-215.

KILLIP, E.P.

1931 - The use of fish poison in South America. *A. Rep. Smithsonian Inst.*, 1930:401-408.

LÉVI-STRAUSS, C.

1948a - The Kawahib, In: STEWARD, J.H., ed. *Handbook of the South American Indians* - Washington, Smithsonian Institution, V. 13.

1948b - The Nambicuara. In: STEWARD, J.H., ed. *Handbook of the South American Indians* - Washington, Smithsonian Institution. V. 13.

LÉVI-STRAUSS, C.

1980 - The use of wild plants in tropical South America. In: STEWARD, J.H., ed. *Handbook of South American Indians*. Washington, Smithsonian Institution. V. 6

1955 - *Tristes Tropiques*. Paris, Librerie Plon.

FRANCE, G.T.

- 1970 - Notes on the use of plant hallucinogens in Amazonian Brazil. *Econ. Bot.*, Lancaster, 24:62-68.
- 1972 - An ethnobotanical comparison of four tribes of Amazonian Indians. *Acta Amazon*, Manaus, 2:7-27.
- 1978 - The poisons and narcotics of the Deni, Paumari, Jamamandi and Jarawara Indians of the Purus region. *Rev. bras. Bot.*, São Paulo, 1:71-78.

ROQUETE-PINTO, E.

- 1935 - *Rondônia*. São Paulo, Nacional, 1975 (Brasiliana, 39).

SCHULTES, R.E. & HOLMSTEDT, B.

- 1968 - The vegetal ingredients of the myristicaceous snuffs of northwest Amazon. *Rhodora*, Boston, 70: 113-156.